CONCEPÇÃO DE PATROA E TRABALHADORAS DOMÉSTICAS EM UMA COLUNA JORNALÍSTICA

Priscila Lopes Viana Furst (UFMG)
priscilalviana@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, analisamos o artigo "O trabalho dá trabalho" de Frei Betto, publicado pelo jornal Estado de Minas no Dia do Trabalho, 01 de maio de 2013. Os passos metodológicos para a análise do artigo são, primeiramente, a identificação dos percursos semânticos do intradiscurso; a seguir, a identificação dos traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos intradiscursivos; posteriormente, a identificação das correspondentes oposições constitutivas do interdiscurso, a partir dos já identificados traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos do intradiscurso; e, por último, o estabelecimento das relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas. Observamos que a construção textual do artigo dá-se, sobretudo, por meio da irônica narrativa de uma personagem, a patroa (ou "madame"). Como veremos no decorrer desta análise, o autor do artigo (Frei Betto), ao construir uma personagem elitista, racista e classista, posiciona-se implicitamente, por meio do mecanismo linguístico da ironia, contrariamente ao posicionamento de sua personagem "madame".

Palavras-chave: Semântica. Interdiscurso. Ironia. Oposição interdiscursiva.

1. Introdução

Em nossa pesquisa de doutoramento, analisamos discursos sobre o trabalho das domésticas[12] no Brasil. O foco nas trabalhadoras domésticas deve-se a diversas motivações, entre elas o fato de essas trabalhadoras

[12] Nesta pesquisa, utilizamos o termo "domésticas", ao invés de "domésticos", sempre que possível. Esta escolha terminológica se deve ao fato de que nosso foco é a trabalhadora (mulher). Além disso, nossa escolha é fortalecida pelo fato de 93,6% dentre o total de trabalhadores domésticos no Brasil serem mulheres (PNAD/IBGE, 2008).

constituírem um número significativo na população brasileira e estarem relacionadas a importantes questões sócio-históricas do país. Academicamente, constatamos a necessidade de contribuições da linguística na relação entre linguagem e trabalho.

Neste artigo, especialmente, analisamos o artigo "O trabalho dá trabalho" de Frei Betto, publicado pelo jornal *Estado de Minas* no Dia do Trabalho, 01 de maio de 2013. Os passos metodológicos para a análise do artigo são, primeiramente, a identificação dos percursos semânticos do intradiscurso; a seguir, a identificação dos traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos intradiscursivos; posteriormente, a identificação das correspondentes oposições constitutivas do interdiscurso, a partir dos já identificados traços distintivos subjacentes aos percursos semânticos do intradiscurso; e, por último, o estabelecimento das relações entre os percursos semânticos intradiscursivos e as oposições interdiscursivas.

2. Pressupostos teóricos

2.1. Implícitos e explícitos

Para Fiorin e Savioli (1996, p. 306), em todo texto há informações explícitas e implícitas. Segundo eles, as ideias implícitas podem ser de dois tipos: pressupostas e subentendidas. Os pressupostos são ideias necessariamente implícitas que o leitor pode recuperar a partir do sentido de certas palavras ou expressões explicitadas no texto.

Os implícitos pressupostos são recursos argumentativos que visam levar o leitor ou ouvinte a aceitar certas ideias, já que as ideias explícitas podem ser questionadas pelo ouvinte, enquanto as ideias implícitas pressupostas não são geralmente postas em discussão (supõem-se verdadeiras). Vale ressaltar que a identificação de pressupostos demonstra competência linguística e discursiva da parte do enunciatário.

Fiorin e Savioli (1996, p. 310) compreendem os implícitos subentendidos como insinuações, não explicitadas linguisticamente, presentes contextualmente em uma frase ou em um conjunto de frases do texto. Diferentemente do pressuposto, em que a informação implícita é indiscutível, no subentendido a possibilidade de identificar a informação implícita decorre do conhecimento contextual (ou seja, interdiscursivo) do enunciatário (ouvinte ou leitor). Assim, quem fala ou escreve pode se esconder

atrás do sentido literal das palavras e negar que tenha dito ou escrito (explicitamente) o implícito que o enunciatário compreendeu (subentendeu).

Fiorin e Savioli (1996, p. 321) ressaltam o fato de que, frequentemente, dizemos uma coisa para significar outra. Ou seja, dizemos explicitamente uma "coisa", mas queremos que o ouvinte entenda implicitamente outra. Para isso, existem diversos procedimentos linguísticos que possibilitam ao enunciador estabelecer aparente conflito entre o que se disse explicitamente e o que se quer dizer implicitamente (subentendido), como ironia e lítotes. Tais recursos linguísticos exercem, entre outras, a função de tentar fazer o enunciatário aceitar o que está sendo dito e de chamar a atenção do enunciatário com vistas a obter sua concordância.

Os lítotes, por sua vez, são mecanismos linguísticos com os quais se nega explicitamente o contrário do que se quer afirmar implicitamente.

2.2. Intradiscurso e interdiscurso

Maingueneau (2005) busca apreender o discurso através do interdiscurso. Uma vez que o discurso se desdobra sobre todas as suas dimensões, o pesquisador vê a necessidade de se pensar ao mesmo tempo a discursividade como dito e como dizer, como enunciado e enunciação.

Uma hipótese apresentada por Maingueneau (*op. cit.*) é a de que há precedência do interdiscurso sobre o discurso, e por isso a unidade de análise pertinente é um espaço de trocas entre diversos discursos escolhidos convenientemente e não apenas o intradiscurso.

O interdiscurso é concebido pelo autor como o espaço de regularidade pertinente composto por diversos discursos. Sendo assim, a gênese de um determinado discurso se dá na relação com outros discursos. A identidade de um discurso, por sua vez, é estruturada pela relação interdiscursiva na medida em que ele se forma no interior de um interdiscurso de modo regulado.

Faria (1999) postula que as condições históricas de produção do discurso pertinentes para as relações entre os campos discursivos é que medeiam a simulação do nível interdiscursivo no intradiscursivo.

O autor comprova sua postulação a partir do romance *Germinal*, de Émile Zola, publicado em 1885, pois, segundo ele, a contradição interdiscursiva capital x trabalho e a sua simulação no intradiscurso não são exclusividade desse romance. Contudo, *Germinal* é o único que rea-

liza tal simulação, da primeira à última linha, embasado em condições históricas francesas (Revolução de 1789).

Ao adotar a categoria de contradição, de oposição, na análise do interdiscurso, bem como da sua simulação no intradiscurso, Faria (1999) salienta o fato de já estar tratando também, simultaneamente, da organização intradiscursiva. A principal categoria descritiva do intradiscurso, utilizada pelo autor, é a de percurso semântico. De acordo com Faria (p. 28), um ou mais percursos semânticos – temáticos ou figurativos – faz(em) parte do interior da formação discursiva, no seu intradiscurso.

Para Faria (1999, p. 29) o discurso é simultaneamente intra e interdiscursivo. Ao mesmo tempo em que ele é organizado a partir do conjunto de percursos semânticos, temáticos ou figurativos, ele é constituído a partir das oposições, das contradições que mantém com outras formações discursivas.

Percebe-se que as concepções de Maingueneau (2005), Fiorin (1993) e Faria (1999) permitem estabelecer relações entre as dimensões linguística e histórica do texto/discurso. Essas mesmas relações são estabelecidas por Bronckart (1999).

3. Interacionismo sociodiscursivo

Para a análise dos sistemas semióticos, Bronckart (1999) utiliza abordagens que consideram os fatos de linguagem como traços de condutas humanas socialmente contextualizadas, isto é, o interacionismo sociodiscursivo se refere, assim como a análise do discurso, preferencialmente aos trabalhos que integram dimensões psicossociais. Trata-se de trabalhos centrados na interação verbal e, sobretudo no estudo e análise dos gêneros e tipos textuais provenientes de Bakhtin (2000) e na análise das formações sociais de Foucault (2004). De acordo com Bronckart (1999), essas proposições expandem a concepção das interações entre "formas de vida e jogos de linguagem" desenvolvida por L. Wittgenstein (1961; 1975). Bronckart (1999) sustenta ainda a contribuição teórica da análise de F. Saussure (1994) sobre a arbitrariedade do signo linguístico, para que se compreenda o estatuto das relações interdependentes entre a linguagem, as línguas e o pensamento humano.

Considerando o caráter indissociável dos processos de organização social das atividades, de suas regulações pelas atividades de linguagem e de desenvolvimento das capacidades cognitivas humanas, o intera-

cionismo sociodiscursivo propõe uma compreensão do funcionamento psicológico humano implicado na organização das atividades e das produções verbais coletivas no âmbito da história das interações humanas.

Bronckart (1999, p. 119) propõe que todo texto é organizado em três níveis (camadas) superpostos, e em parte interativos, que constituem o "folhado textual": (1) a infraestrutura geral do texto, (2) os mecanismos de textualização e (3) os mecanismos enunciativos. Essa divisão de níveis de análise é concebida pelo autor como necessidade metodológica para se desvendar a complexidade da organização textual.

Na hierarquia do autor, a infraestrutura geral do texto seria o nível mais profundo. Constitui-se pelo plano geral do texto, pelos tipos de discurso, pelas modalidades de articulação entre os tipos de discurso e pelas sequências "que se desenvolvem no interior do plano geral do texto" (p. 121). No nível intermediário, estariam os mecanismos de textualização, constituídos pela conexão, coesão nominal e pela coesão verbal. No último nível estariam os mecanismos de responsabilização enunciativa, os quais cooperam mais para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto, pois, além de contribuírem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, traduzem as várias avaliações em relação ao conteúdo temático.

No presente artigo, focamos os mecanismos de textualização por poderem ser considerados afins à dimensão do intradiscurso, do conjunto de textos no discurso.

Bronckart (1999, p. 122) distingue três mecanismos de textualização: a conexão, a coesão nominal e a coesão verbal. A conexão contribui na marcação das grandes articulações de progressão temática (ou, em linguística do discurso, progressão dos sentidos ao longo do texto, por meio dos percursos semânticos temáticos e figurativos conectados) e realiza-se por meio de um subconjunto de unidades que o autor denomina "organizadores textuais". Além de esses organizadores poderem assinalar as articulações locais entre as frases, eles podem indicar as transições entre os tipos de discurso e as formas de planificação constitutivas de um texto.

Os mecanismos de conexão articulam relações entre estruturas. Em outras palavras, articulam as relações existentes entre diferentes unidades linguísticas a partir das quais é organizado um texto.

Quanto à coesão nominal, Bronckart (1999, p. 268) afirma que ela é responsável por articular as relações de dependência entre argumentos que compartilham uma ou diversas propriedades referenciais. Essas relações são marcadas por sintagmas nominais ou pronomes que, por serem organizados em série, constituem cadeias anafóricas.

O pesquisador distingue duas funções de coesão nominal: (i) introdução e (ii) retomada. A função da primeira seria marcar a inserção de uma unidade de significação nova ("unidade-fonte") em um texto, o que origina uma cadeia anafórica. A retomada, por sua vez, teria como função reformular a unidade-fonte (ou "antecedente") ao longo do texto.

Já a coesão verbal, segundo Bronckart (1999, p. 273), é um mecanismo que colabora para tornar explícitas as relações de continuidade, descontinuidade e/ou de oposição existentes entre os elementos de significação expressos pelos sintagmas verbais. Para o autor, são as escolhas dos constituintes indispensáveis desses sintagmas que marcam essas formas de coerência temática. Assim, essa coerência temática é marcada pelas escolhas dos lexemas verbais e, especialmente, pelas escolhas de seus determinantes (flexões verbais e auxiliares), ou seja, dos "tempos verbais".

Bronckart (1999, p. 282-283) considera três categorias de parâmetros para a análise dos mecanismos de coesão verbal: os processos, os eixos de referência e a duração. É a partir destas categorias que o autor identifica as quatro funções de coesão verbal: temporalidade primeira, temporalidade segunda, contraste global e contraste local.

Por sua vez, os mecanismos de responsabilização enunciativa estão no último nível da arquitetura interna dos textos. São eles que cooperam mais para o estabelecimento da coerência pragmática (ou interativa) do texto, pois, além de contribuírem para o esclarecimento dos posicionamentos enunciativos, traduzem as várias avaliações em relação ao conteúdo temático.

4. A análise

O artigo de Frei Betto é interessante desde o seu título – "O trabalho dá trabalho". Tendo sido publicado no Dia do Trabalho (01 de maio), o título deixa subentendidas dificuldades no trabalho.

A construção textual dá-se, sobretudo, por meio da irônica narrativa de uma personagem, a patroa (ou "madame"). Como veremos no decorrer desta análise, o autor do artigo (Frei Betto), ao construir uma personagem elitista, racista e classista, posiciona-se implicitamente, por meio do mecanismo linguístico da ironia, contrariamente ao posicionamento de sua personagem "madame".

O discurso da personagem "madame", em primeira pessoa, afirma que a "Emenda Constitucional das domésticas" (EC 72/2013) é absurda, como demonstra o primeiro parágrafo do artigo:

> (1) E disse a madame: "*Imagina, agora* minha empregada é administrada pelo governo, com essas *leis absurdas*! Como se nós, patrões, não tratássemos bem essas *coitadas, que* nascem na favela, em meio à pobreza, *e* têm a sorte de arranjarem um emprego em nossas famílias". (Anexo 20, p. 233, *grifos nossos*).

Além de esse parágrafo explicitar a discordância da personagem "madame" em relação aos novos direitos trabalhistas das trabalhadoras domésticas ("leis absurdas"), podemos observar no intradiscurso o tempo verbal do verbo imaginar. Este verbo está conjugado na 2ª pessoa do imperativo, o que constrói uma sequência injuntiva. Há, portanto, uma interpelação feita pela personagem madame ao seu interlocutor para que este se convença de que se trata de leis absurdas.

Podemos observar nesse mesmo parágrafo a presença do advérbio "agora" com valor temporal. Juntamente com os tempos verbais presentes no texto, o organizador temporal "agora" é responsável pela constituição da temporalidade intradiscursiva.

Ainda no segmento acima, vale apontar dois mecanismos de conexão: a conjunção subordinativa "que" e a conjunção de coordenação "e". A primeira com a função de encaixamento e a segunda, de ligação (BRONCKART, 1999, p. 264-266).

A conjunção subordinativa "que" antecede a oração subordinada adjetiva explicativa "nascem na favela, em meio à pobreza", que se encaixa na oração "Como se nós, patrões, não tratássemos bem essas coitadas". Percebemos uma desvalorização das trabalhadoras domésticas. Essas trabalhadoras são concebidas explicitamente pelos patrões mencionados pelo artigo de modo negativo, o que pode ser verificado por meio do modalizador apreciativo "coitadas". A oração subordinada adjetiva explicativa "nascem na favela, em meio à pobreza" é a justificativa utilizada pela personagem "madame" ao uso desse modalizador apreciativo.

A oração coordenada sindética aditiva "*e* têm a sorte de arranjarem um emprego em nossas famílias", por sua vez, está ligada à oração subordinada adjetiva explicativa. A qualidade de vida ruim nas favelas opõe-se à boa qualidade de vida nas residências dos patrões.

Os três parágrafos que se seguem no artigo trazem a personagem Maria das Dores. Essa personagem é uma das trabalhadoras domésticas da personagem "madame". "Madame" narra a história de Maria das Dores para convencer seu interlocutor por meio de um exemplo dentro de seu contexto familiar:

> (2) *A Maria das Dores*, por exemplo, não tinha onde cair morta. Pai bebum, mãe lavadeira, uma penca de irmãos. *A menina* começou aqui em casa como babá de meu filho caçula, o George. Ensinei a *ela* hábitos de higiene, dei uniforme branco, deixo que *Ø* leve para casa o que sobra dos jantares que meu marido oferece aos clientes.
>
> Pagava a *ela* meio salário mínimo mais o transporte. No aniversário *dela* e no Natal eu dou presentes. *A pobre da menina se* dobra em agradecimentos, tão generosa sou com *ela. Ela* cuida bem do George: *Ø* limpa o cocô dele, *Ø* dá banho, *Ø* lava e *Ø* passa as roupinhas dele, *Ø* jamais esquece a hora das mamadeiras. *Ø* Leva-o todas as manhãs para tomar sol na pracinha. *E nunca* ***se*** *queixou de, se preciso, ficar aqui em casa além da hora combinada.*
>
> Às vezes eu e meu marido temos de jantar fora e *a Das Dores* fica com a criança, *Ø* põe para dormir, e depois *Ø* assiste à TV, até retornarmos. *Ø Nunca reclamou de sair mais tarde um pouquinho*. Agora vem o governo com essa história de 44 horas semanais, carteira assinada, pagamento de horas extras, Fundo de Garantia, multa de 40% para demissão sem causa justa etc. Ora, isso é coisa para trabalhador, como faz meu marido lá na empresa dele. *A Das Dores* não é trabalhadora, é empregada. (Anexo 20, p. 233, *grifos nossos*).

É interessante notar, nesses três parágrafos, algumas marcas de coesão nominal em negrito. Essas marcas constituem uma cadeia anafórica que se sobrepõe nesses parágrafos (*A Maria das Dores*, *A menina*, *ela*, *Ø*, *ela*, *dela*, *A pobre da menina*, *se*, *ela*, *Ela*, *Ø*, *Ø*, *Ø*, *Ø*, *Ø*, *Ø*, *se*, *a Das Dores*, *Ø*, *Ø*, *Ø*, *A Das Dores*). A unidade-fonte, ou seja, a marca que insere uma unidade de significação nova, tendo por isso a função de introdução, é a personagem Maria das Dores. Essa unidade-fonte foi introduzida desde o começo do texto e as formas nominais e pronominais que constituem a cadeia assumem uma função de retomada desse antecedente.

As formas nominais que fazem retomadas por substituição lexical a "A Maria das Dores" podem nos fazer compreender um pouco mais o intradiscurso. A primeira retomada, por exemplo, é feita pela forma "A menina". A figura de uma menina como trabalhadora doméstica tematiza

implicitamente o trabalho infantil. Posteriormente, após quatro retomadas por formas pronominais, é feita a segunda retomada por substituição lexical. Desta vez, "A Maria das Dores" é substituída pela forma nominal "A pobre da menina". O tema do trabalho infantil prossegue na figura da "menina" e o tema do sofrimento da trabalhadora doméstica é explicitado pela condolência da personagem "madame" expressa pelo substantivo "pobre".

Outra forma nominal, que substitui a unidade-fonte ("A Maria das Dores"), é "a Das Dores". "A Das Dores" ocorre duas vezes na cadeia anafórica exposta anteriormente. A abreviação do nome da trabalhadora doméstica demonstra implicitamente, subentendida, uma relação de intimidade entre patroa e trabalhadora.

A personagem "madame" constrói, intradiscursivamente, a oposição entre empresa e casa de família, bem como entre trabalho e emprego. Assim, na argumentação da personagem, empresas possuem trabalhadores que, por sua vez, devem possuir direitos trabalhistas. Já as casas de família possuem empregados que, diferentemente de trabalhadores, não deveriam possuir direitos trabalhistas.

A personagem "madame" continua sua argumentação contra a EC 72/2013 com outro exemplo:

> (3) Como a *Fátima*, nossa cozinheira. Ø Trabalha há nove anos conosco. Ø É separada do marido, os dois filhos são adultos, *ela* dorme aqui no quartinho de empregada e Ø só volta para a família aos domingos.
>
> Ø Nunca reclamou dessa boa vida que damos a *ela*. Pelo contrário, Ø fica agradecida por dormir em um lugar seguro, confortável, com lençóis limpos, banheiro próprio, nada daquela promiscuidade da casinha em que a família *dela* habita na periferia, onde moram o irmão, a cunhada e quatro filhos. Pra que isso de direitos trabalhistas para quem está feliz da vida? Negra retinta, se Ø tivesse nascido há dois séculos, Ø teria com certeza sido escrava. Agora, Ø tem seu quartinho arrumado, TV, acesso livre à geladeira da família. E Ø come da mesma comida que Ø prepara para nós. Quando é que aí fora *ela* comeria camarões flambados, suflê de frutos do mar, codornas recheadas? (Anexo 20, p. 233-234, *grifos nossos*).

Nesse segmento do artigo, há a introdução de outra unidade-fonte ("Fátima") interessante para nossa análise. A unidade-fonte "Fátima" é retomada por diversas formas pronominais, como mostra a cadeia anafórica marcada em negrito no segmento (*Fátima*, Ø, Ø, *ela*, Ø, Ø, *ela*, Ø, *dela*, Ø, Ø, Ø, *ela*). Não há, portanto, retomadas por meio de formas nominais.

Na designação da personagem trabalhadora doméstica Fátima pela patroa "madame", há alguns modalizadores apreciativos. Pensamos que o mais interessante seja "Negra retinta". A afrodescendência da personagem Fátima é concebida, pela personagem "madame", como uma das justificativas para que esta considere as novas leis das domésticas "absurdas", já que "há dois séculos, [Fátima] teria com certeza sido escrava". Além do tema explícito da escravidão, pode-se subentender que afrodescendentes deveriam conformar-se com pouco, pois, em outros tempos, não possuíam nada. Pode-se subentender ainda que os afrodescendentes já ganharam direitos suficientes com a abolição da escravidão, sendo um "absurdo" proporcionar outros direitos à categoria profissional de trabalhadoras domésticas (como vimos, composta por maioria afrodescendente).

No penúltimo parágrafo do artigo, transcrito a seguir,

> (4) Não sei por que o governo se mete tanto em nossas vidas! Pensa que somos um bando de escravocratas que trata mal as empregadas? Chega de burocracia. Agora vou ter que pagar, além dos salários, impostos para manter aqui a Das Dores e a Fátima. Como se na velhice elas não fossem ter aposentadoria! Ora, a mãe da Fátima, que trabalhou 20 anos na casa do meu sogro, ao se aposentar foi morar lá na roça onde nasceu e obteve aposentadoria rural. *Precisa o governo criar ainda mais burocracia para nós, patrões, que damos emprego a quem não tem instrução, casa própria, nem onde cair morto?* (Anexo 20, p. 234, grifos nossos)

os novos direitos das trabalhadoras domésticas são vistos como burocracias governamentais. A oferta de emprego para trabalhadoras domésticas em casas de família é concebida explicitamente pela personagem "madame" como um auxílio a "quem não tem instrução, casa própria, nem onde cair morto". Ou seja, empregar trabalhadoras domésticas representaria socialmente um ato de caridade e não de necessidade da família em obter os serviços prestados pelas trabalhadoras domésticas.

No último parágrafo do artigo, os espaços residenciais (casa de família que emprega trabalhadoras domésticas e casas das famílias das trabalhadoras domésticas em favelas ou roça) são substituídos por outro espaço introduzido no artigo: o de um avião. A instância temporal é marcada pelo organizador temporal "Outro dia", que inicia o parágrafo.

> (5) Outro dia eu e meu marido entramos no avião e, no assento do corredor, ao nosso lado, tinha um *homem mal vestido*, ***cara de peão*** de fazenda, que na hora de servirem o lanchinho perguntou se era de graça. Era. Nas viagens de avião em rotas nacionais não há mais aquele glamour de outrora, as comissárias de bordo servindo uísque, vinhos, pratos quentes. Hoje ***misturam alhos com bugalhos***, e *insistem em mesclar gente de classes sociais diferentes, co-*

> *mo se todos tivessem tido os mesmos berços.* Meu Deus, onde o Brasil vai parar desse jeito? (Anexo 20, 234, *grifos nossos*).

As personagens nesse parágrafo são a "madame", o marido de "madame", "um homem mal vestido", as comissárias de bordo. Implicitamente, o espaço do avião traz personagens como os demais passageiros e o piloto do avião.

O principal tema desenvolvido no intradiscurso é a diferença de classes. O posicionamento da personagem "madame" contra a mistura de classes é expresso explicitamente em "insistem em mesclar gente de classes sociais diferentes, como se todos tivessem tido os mesmos berços". Implicitamente, subentendido, este posicionamento é expresso por meio do uso do ditado popular "misturam alhos com bugalhos". Há portanto uma oposição intradiscursiva entre burguesia (representada por "madame" e seu marido) e trabalhadores (representado pelo "homem mal vestido" com "cara de peão").

O dêitico "Hoje" em "Hoje misturam alhos com bugalhos, e insistem em mesclar gente de classes sociais diferentes" constrói, implicitamente, o pressuposto de que em época anterior não se mesclavam classes sociais. A representação negativa da personagem "madame" sobre a mescla de classes sociais a faz terminar sua argumentação com o uso de uma pergunta retórica: "Meu Deus, onde o Brasil vai parar desse jeito?". Esta pergunta evidencia, mais uma vez, que as mudanças na sociedade brasileira, seja em mesclar classes nos aviões, seja em proporcionar direitos trabalhistas às trabalhadoras domésticas, são concebidas negativamente pela personagem "madame".

5. Conclusão

Observamos que o artigo opinativo de Frei Betto representa a patroa ("madame") negativamente. A construção de uma personagem elitista, racista e classista discursando em primeira pessoa, por um escritor militante de movimentos pastorais e sociais, revela implicitamente, subentendido, posicionamento contrário do autor do artigo ao da personagem "madame". A ironia perpassa todo o texto e é o principal mecanismo linguístico para fazer o interlocutor (leitor do artigo) discordar de posicionamentos discursivos tais como o da personagem "madame".

A personagem patroa representada pela personagem "madame" é, portanto, uma metonímica representação negativa, construída por meio de ironia.

O artigo de Frei Betto revelou, em nossa análise, condutas pouco profissionais na relação entre patroa e trabalhadora doméstica.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: ___. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 279-287.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sociodiscursivo.* São Paulo: EDUC, 1999.

FARIA, A. A. M. *Sobre Germinal: interdiscurso, intradiscurso e leitura*. 1999. – Tese de doutorado em linguística. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo.

FIORIN, José Luiz. O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: FARACO, TEZZA; CASTRO. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, 1996.

_____. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. Fundamentos teóricos para o ensino da leitura. *Revista Letras*, n. 2, PPGL, UFSM, 1991.

_____. *O regime de 1964*: discurso e ideologia. São Paulo: Atual, 1988.

FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. "Informações implícitas" e "Dizer uma coisa para significar outra" [caps. 20 e 21]. In: ___. *Lições de texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 1996, p. 303-334.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

HABERMAS, Jurgen. *Théorie de l'agir communicationnel*. Paris: Fayard, 1987, 2 v.

MAINGUENEAU, D. *Genèses du discours*. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

_____. *Gênese dos discursos.* Trad.: Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophique*. Paris: Gallimard, 1961.

_____. *Remarques philosophiques*. Paris: Gallimard, 1975.